



## Impunidade impera nas favelas

A sensação de impunidade é percebida por todos, confirma o chefe de operação da Delegacia de Homicídios, Denilson Ferreira, dizendo concordar com a avaliação de especialistas em criminalidade de que o poder público não cumpre suas funções adequadamente. "Faltam políticas de assistência direta, como escola, saúde e emprego, para mudar essa realidade", afirma.

O resultado é que os excluídos se revoltam contra a polícia, como pode ser visto nas operações executadas pela PM para prender traficantes nas favelas da orla lagunar. Em várias ocasiões moradores das favelas do Dique Estrada, Papódromo e Torre fecharam a avenida e jogaram

pedras em policiais e viaturas para impedir a prisão de traficantes. Estes aproveitam a falta de assistência do Estado e da Prefeitura para manter o controle sobre as favelas.

No seu endereço eletrônico, a Prefeitura de Maceió informa que a Secretaria Municipal de Assistência Social, "coordena um conjunto de serviços, programas e projetos que têm por objetivo a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, a defesa dos direitos, o fortalecimento das potencialidades e a proteção das famílias e indivíduos para o enfrentamento de situações de violação de direitos, assim como o atendimento a indivíduos que necessitam de cuidados especializa-

dos em decorrência de deficiência ou processo de envelhecimento".

Fora do mundo virtual, milhares de famílias pobres da periferia de Maceió continuam submetidas a uma cruel realidade. Nas favelas da beira da Lagoa Mundaú continuam vivendo em extrema miséria, em barracos feitos de caibros cobertos com plástico ou papelão, sem saneamento, sem água, sem energia elétrica. Na parte alta a exclusão é a mesma, com a "vantagem" de terem casa de alvenaria. Mas são igualmente famílias sem assistência, formada por desempregados e analfabetos, sujeitos as doenças provocadas pela subnutrição.

Todavia, enquanto mi-

lhares dessas famílias silenciam amordaçadas pelo medo e o terror criminoso imposto pelo tráfico, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) grita em socorro dessa população. Com o ato "Ufal em Defesa da Vida", a instituição de ensino superior pretende humanizar os números da violência em Alagoas. A coordenadora do programa Ufal em Defesa da Vida, Ruth Vasconcelos, diz que a mobilização pretende transformar estatísticas em relatos de famílias das vítimas de homicídio nos últimos 10 anos.

Pelos números pesquisados pelo programa foram registrados 17 mil assassinatos em Alagoas entre os anos de 2000 e 2011. **BQ**